

APLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Rodrigues & Almeida & Cia.
LADERRA DO CARMO N.º 7
Buenos Aires & Porto Alegre

Número avulso 12000 -- Semestre 61000
Ano 100000 -- Pacote: 12 exempl. 25000

Toda correspondência, vales e registrados devem ser endereçados à Caixa Postal, 198 S. Paulo — Brasil

Logica proletaria

O cartão de cartas da revolução de 30 desmobiliza-se no topo fatalista do determinismo histórico.

Também ideias e cidades dos pedestais das glorias efêmeras os "salvadores" desta carne-gelada, que de tanto querer quem "a salve" está sendo empurrada para as garras do monstro capitalista-clerical.

Nos arraiais políticos há choque de interesses, prepara-se a borracha que há de pôr novamente o nosso povo bom e tolerante, trabalhador e amigo da liberdade, à mercê dos bombardeiros, da destruição, do exílio, da metralha e... possivelmente, dos gases asfixiantes.

Em torno de personalismos e ambícios incansáveis de mundo e de domínio, confabulam os inimigos do povo, dispersando o chicote das fúrias de escravos, para obrigar, cada grupo ou facção a seu modo, com maior ou menor soma de hipocrisia, com maior ou menor brutalidade e violência, o povo a servir de pasto à ganância da burguesia.

Em todos, "revolucionários" ou não, predomina este intento: é preciso não zangar os seus patrões, os banqueiros e platinários; o povo deve ser explodido, não se lhe pode permitir o direito de estrito, porque os interesses da burguesia exigem que o povo sofra calado.

E neste propósito põem-se em jogo todos os instrumentos de compressão: a política fazendo conchavos, avanços e recuos vergonhosos, valvens de comedades despeitadas onde o caráter corrompido da politicanha se oferece a quem mais dá; o clero aperfeiçoando a sua arte de intrigar, prostituindo como sempre a batina nos corredores dos palácios governamentais, oferecendo os seus serviços na arte da mistificação e embrutecimento; e o capitalismo, única força motriz dessa engrenagem, ascendendo com promessas de ouro que nada têm custo no mercantilismo das consciências ou fazendo ameaças de papão.

Para nós não é surpresa o que se passa nesse grande prostituído dos mexericos políticos:

Dissémo-lo quando ainda a revolução de 30 arvorava a bandeira das promessas, vimo-lo afirmado no decorrer dos acontecimentos, a repetirmos-lhe hoje: afinal de contas os outros, todas as figuras que tornaram ares de sensatez irão ficando à margem na exaurida das inquietações populares.

Não há solução possível para o sofrimento e miseria do povo, dentro do regime burguês, e os homens passando para a história do porvir com a consagração das suas atitudes ou com a repulsa da posteridade, de acordo com as suas ações em relação ao sentimento coletivo.

Uma coisa, porém, nos vem agora como dolorosa interrogação: As forças armadas, essas moças que saem do povo, filhos do povo; esses soldados cuja ventura consiste em estar continuamente sujeitos a servir de pasto à metralha, prestar-se-ão eternamente a ser instrumentos de exterminio dos trabalhadores em benefício da exploração e da ganância capitalista? Não! Essas moças têm o dever de perguntar a si mesmas com um grito de consciência: valerá a pena expir a vida, morrer, extragalhar-se, mutilar-se e endoderçar, para que os ambiciosos de todos os partidos políticos, a serviço do capitalismo, vivam a insultar a memória das que tombaram nas refregas, a escarrecer da dor das mães e esposas, noivas e irmãs das vítimas que deixaram a vida nos campos da luta, fazendo conchavos, chafurdando na miséria moral das corrupções políticas, dispondo das suas vidas para formar intrigas, preparar massacres e atirar-las, quando lhes convinha, uns contra os outros, para continuar o círculo vicioso da exploração do homem pelo homem?

Nós achamos que não.

Eles são do povo, devem defender o povo.

E para defendê-lo, só ha uma fórmula: não permitir que o povo seja iludido, explorado, massacrado, vilipendiado, por nenhuma espécie de tirania.

Os fuzis, as metralhadoras e os canhões, todo esse aparelhamento infernal de morte e de exterminio, devem ser voltados contra toda a casta de exploradores do povo, em benefício do povo, em proveito dos trabalhadores, para felicidade coletiva.

Esta é a lógica proletaria!

Caiu a cabeça de Van Der Lubbe

Consumou-se a infâmia nazista
da morte do incendiário
do Reichstag

Agora que já as agências telegráficas transmitiram aos quatro cantos do globo a morte de Van der Lubbe pelos carrascos do hitlerismo, transcrevemos, reivindicando o gesto hereticamente revolucionário do pedreiro holandês, o seguinte trecho de uma entrevista que W. Duesberg teve com ele, através da qual o proletariado de todo mundo poderá conhecer as razões que levaram Van der Lubbe a pôr fogo a uma das mais tirânicas instituições de mistificação e domínio — o Parlamento alemão:

"Pergunto ao incendiário:
— Porque fez isso?"

Van der Lubbe: "O mundo não chega, mas não tão depressa. O mundo velho se vai; é preciso empurrar o que se vai."

— Quis você agir para dar um exemplo? Mas o que conseguiu foi só fazer mal a você mesmo e ao seu partido!

Van der Lubbe refletiu um instante, depois disse:

— Ha coisas que ninguém parece poder compreender, nem os social-democratas, nem mesmo os comunistas. O resultado final é o que importa."

— Por que escolheu a Alemanha como teatro da sua ação?

— Por que a Alemanha é o coração da Europa — der hart van Europa ist.

— Não tem medo do castigo?

Van der Lubbe responde com um muchôcho de desdém, apoiando-se nas mãos:

— Não tenho medo. Que é que me pode acontecer? Eles me vão fechar por alguns anos, depois haverá a guerra e hão de me soltar, e mesmo que eu não seja libertado, pouco importa... não tenho grande coisa a perder.

— Pelo menos agora arrepende-se do que fez?

— Não, não devo jamais arrependêr-me do que fiz. Só lamento é que a cúpula do Reichstag não tenha vindo abaixo. Uma cúpula é sempre algo de simbólico.

Van der Lubbe suspira, depois ri um riso gutural.

— Recebi cartas na prisão?

Sim, recebo; as de meu irmão me chegam com muito atraso porque elas conteem muita filosofia sobre meu atentado.

Esse holandês que levou a vida ao ar livre percorrendo a pé a Tchecoslováquia, a Polônia e a Hungria, que vivia do dinheiro que lhe dava a venda de cartões ilustrados, parece sobretudo com um ladrão, pesado, sonhador, recheado de teorias, impetuoso e nostálgico.

Tal como o vi e ouvi, mal pude acreditar que ele tivesse agido por outras razões que não fossem de ordem idealista."

A voz das fábricas

A INTROMISSÃO SUSPEITA DOS INTELECTUAIS DA BURGUESIA NOS ASSUNTOS PROLETARIOS

O proletariado deve repelir essas demonstrações de fingido carinho da parte de todos os organismos burgueses

O principal interesse do clero neste momento é penetrar nas massas operárias, afim de conquistar entre os trabalhadores no movimento que se esboça, o apoio que o proletariado recusou peremptoriamente ao movimento de 1932. O clero, a burguesia, os políticos apelados e os políticos em ação, todas as forças "fascistas" do país, estão de acordo nesta tarefa: "domesticar o proletariado..."

Com esse fim estão sendo organizadas companhias mascaras das com os mais nobres objetivos: querem acabar com a tuberculose, com a sífilis, com a caspa e com o analfabetismo do proletariado...

Essa gente que nos chama de "canalha das ruas" e que dividi São Paulo em duas partes, a "da portela pra cá" e a "da portela pra lá", tomou-se inesperadamente de um grande "amor" pelos trabalhadores. Esse "amor", no entanto não impede que, ao lado das companhias benéficas sejam tomadas as medidas mais draconianas contra o pensamento proletário. Proletariado não deve pensar, não deve agir. Sua função limita-se... a ser feliz e nada mais. E' isto o que eles querem.

A ultima dessas tentativas de penetração no seio das massas foi a fundação de uma sociedade para alfabetização da classe trabalhadora. Basta ver-lhe o emblema: uma mão segurando um livro e outra mão pronta para dar um soco. Seus principais propagandistas são estudantes e literatos que aliada, em 1933, falaram em Patria com voz tremida, fitando histéricamente as tábocas do tecto.

Um desses intelectuais, chamado a batizar a nova instituição, depois de fazer o panegírico da organização clerical-capitalista-policial, que faz a nossa felicidade, terminou dizendo que a mão do operário-

do que ontem pegou no fuzil em favor da Constituição, hoje pede o livre.

Ai ha uma calunia que o proletariado, como classe, deve repelir. Nós, como classe, não pegamos no fuzil, nem estamos dispostos a pegar nele para defender os que nos exploram e oprimem. O operário cria a vida, não distribui a morte. A nós pouco importa esta ou aquela constituição. Nós não precisamos de nenhuma constituição.

Todas elas são feitas contra nós. Sob as mais belas constituições é que se dão os maiores massacres de operários.

Isto de constituição é um conto do vigário em que nós não acreditamos; quando nele caímos é pela força, não pela ignorância.

Operário que, se interessar por uma constituição é o prisão-criado da Papuanha, que se dá ao desfrute de escolher o mafio com que pretende ser comido.

Quando a burguesia bate à nossa porta, afirmando que nos vem curar ou que deseja ensinar nossos filhos a ler, não devemos ter duvidas: ela os vem buscar o nosso trabalho ou a nossa vida. Sim, a nossa vida. Ela vem colocar o fuzil em nossas mãos para que a gente vá matar nossos irmãos proletários de outras terras, ou de outros Estados — em benefício das tarifas altas ou do ensino religioso nas escolas.

Cuidado, pois, com as frases serenas da burguesia. Muito mais cuidado, ainda, com os literatos burgueses que nos vêm gabar a excelencia das letras maluculas na salvação dos povos.

GANGA ZAMBY.

ESMULHACOJ...

DEUS

Se deus o sér nos fez, se deus existe,
Se alma botou em toda a Natureza,
Por que motivo então a vida é triste,
Toda palor e chéia de avarez?

Se deus é bom, se grande e justo é deus,
— Olhos piedosos que tra não encerra,
Por que não vê então do azul dos céus,
Esta infeliz ventura cá da terra?

Deus é bom! deus é grande! deus é ancelo! —
— A Natureza, mundos e infinito,

Cómica força vã, fúlido estejo,

Que não curisa o coração contrito,

Das mães que choram filhos mortiludos,

Das intas que o homem tra; a passo a passo

Da infância abandonada pelos mundos

E deus é bom... — Seu coração é de ócio

J. CARLOS BOSCOLO

A personalidade intelectual

De algum tempo para cá vêm-se observando em certos partidos extremos, notória prevenção, quando não declarada animadversão, ao que se vem chamando, com maior ou menor propriedade, INTELETUALISMO.

A Rússia foi a primeira nação onde este intelectualismo foi considerado prejudicial aos ideais das classes operárias. Porém não sómente os sindicalistas, anarquistas, bolchevistas e revolucionários de outros países não se recatam para afirmar que os chamados intelectuais não se acham identificados com as aspirações libertárias, mas são também muitos os indivíduos de outras agrupações políticas e sociais que clamam várias vezes contra as orientações intelectualistas e outras contra o afastamento sistemático dos problemas que mais interessam atualmente à humanidade, tais como a evitação das guerras, a satisfação das reclamações proletárias e, em geral, quantas afectam à vida colectiva, como se os intelectuais fossem superhomens endeuçados aos quais não afectasse a mínima coisa o que reveste caráter humano.

Desde já, ha que reconhecer que de grande parte desta corrente inimiga do intelectualismo são culpados aqueles que usurparam o nome de intelectuais e nunca os indivíduos sujeitos que na realidade o são. Quando se fala de intelectuais, no melhor dos casos, alude-se a uma tendência de fala de intelectuais, no melhor dos casos, alude-se a uma tendência de humana, incluindo o trabalho manual. Para certos trabalhadores o intelectual não passa de um ocioso que farta o corpo ao trabalho e, não poucas vezes, nôzê-lo tem razão; mas o primeiro que deveriam fazer seria examinar se o conceito que se tem da intelectualidade é exato e se a mesma definição da Academia Espanhola pôde ser admitida sem reservas.

Um intelectual, substantivando o adjetivo, é para o nosso fôrmo um homem que cultiva de preferência as ciências ou as letras. Pelo que se refere ao cultivo das ciências é verdade. Não é possível cultivar largo tempo as ciências sem ser inteligente e ainda sem contar com um entendimento privilegiado. Quem consegue viver do cultivo das Matemáticas, da Física, da Arquitetura, da Filosofia, de qualquer ramo da História Natural, da Geografia, da História ou, em suma, de qualquer disciplina científica; porque se não tivesse inteligência clara e cultivada, não poderia realizar os complicados trabalhos que realiza. Por isso duvido que os operários, quando falam mal dos intelectuais, possam referir-se a estes sábios, que cultivam as ciências e graças aos quais o progresso material e ideal é dia a dia mais notório.

Não sucede o mesmo quando se trata de pessoas que cultivam as artes. Entre os matemáticos não pode haver folgazões nem desorientados (claro, considerados como cultivadores das suas ciências) e o mesmo se pode dizer de quantos se acham no mesmo caso; os artistas, porém, podem ser excelentes ou abomináveis, ativos ou ociosos, amantes da verdade ou entusiastas da metáfora e dos falsos esplêndimos. Para resolver um problema de Cálculo superior ou de Geometria Analítica não ha outro remedio senão estudar; porém para escrever uns versos sem ritmo, nem medida, sem sentido comum, para alinhavar uma novela de aventuras, de desventuras de costumes, de maus costumes, nada mais é mistério que contar com uns quantos amigos intrigantes, que se atribuem autoridade crítica, pois sabe-se que, entre os leitores de literatura, 80 por cento são desacudidos, carecem de gosto artístico. Basta isto para que haja literatos, pintores e músicos que vivem de suas malasartes e que possam chamar-se intelectuais e até endeuçar-se, sobre as suas tripodes, sem nunca estudar uma hora seguida e sem preocupar-se, pouco ou muito, das ansiedades, angustias e penalidades daqueles que a elas parecem séres inferiores, porque tem de empunhar uma picareta, uma enxada ou um martelo.

A estes intelectuais ou pseudo intelectuais juntam-se os particulares que se-preparam para uma posição e que aprendem de cor um ou dois livros, que logo esquecem rapidamente, quando ocupam um lugar na Administração do Estado sem oposição, nem coisa que o valha. Desta maneira todo aquele que não trabalha com as mãos chama-se "intelectual" e é natural, estabelecida esta separação arbitrária entre uns e outros cidadãos, que alguns operários tenham chegado a considerar inimigos não aos homens de Ciencia, nem aos verdadeiros artistas, mas aos que se chamam "intelectuais" pelo fato de não trabalhar com as mãos como elas, e, por tanto, sem sentir solidariedade com os que padecem injustiças.

Uma hostilidade contra a intelectualidade, considerada como tal, seria absurdo e até cùpavá. Os mesmos operários, para sobressaírem hoje num ofício, tem que estudar tanto como antes um professor de Ensino Secundário. Ha operários com mais inteligência e melhor cultivada que muitos literatos, pintores, escultores e músicos e ainda que bastantes empregados, advogados e profissionais de outras carreiras. Dia a dia vai-se tornando mais difícil assinalar uma separação entre o trabalho manual e o intelectual. Os operários têm, educam-se, aprendem e se capacitam para todo trabalho do pensamento. Muitos vaidosos que os olham com desdém, ver-se-iam em sérios apuros, se tivessem que discutir publicamente com o catador que lhes branqueia a cozinha ou com o criado que lhes limpa as botas.

Ao contrário, os verdadeiros intelectuais, os que cultivam as Ciências e as Artes com proveito, tem que trabalhar com as mãos nos laboratórios, nas clínicas, nos observatórios, e nos centros de cultura experimental. Passaram os tempos dos axiomas *a priori* e dos infólios dogmáticos e hoje trabalha-se observando e realizando experiências que exigem uma habilidade material. Por tanto, a separação entre intelectuais e operários torna-se cada vez mais impossível.

Ha, porém, que evitam既am usurpando o qualificativo de intelectuais os que não o são, os que pelo fato de poder viver desencasalhamente ou contar com um emprego, que lhes deixa ociosos suficientes para fazer versos ou pintar quadros que ninguém aprecia. Estes são verdadeiros ególatras narcisistas, que se opõem, intensamente, a qualquer progresso das classes laboriosas. E contra estas que vai a hostilidade dos operários, na qual nunca devendo confundir os que sacrificam em cultivar as Ciências e as Artes, trabalhando simultaneamente com a inteligência e com as mãos, enquanto, sendo operários, também merecedores de carinho e de respeito, por que é a seu trabalho interessante ao que se deve o progresso material e moral de seus irmãos.

ANTONIO ZOZIA

Camaradas:
mandai munições, para
"A Plebe" sustentar a luta.

Nas esferas da alta política, no meio dos roedores dos orçamentos, das ratatinas dos tesouros onde coletam o suor do povo transformado em libras e mil reis; nas alturas do Olimpo brasileiro onde os deuses e semideuses estão se locupletando — à custa de quem trabalha e produz; no seio dos magnatas da política e das finanças, dos quartéis e das sacristias, — por toda a parte se ouvem rumores de tempestade, bramidos de espadas e toques de sinos dobrando a finados.

E a república que esperneia, a democracia que se contorce, a sociedade burguesa que agonia.

No fundo escuro da política nacional não se deslumbra nenhuma réstia de luz, nenhum ponto branco onde as almas candidas possam confiar na estabilidade da paz aparente e fictícia em que vivemos.

Tudo o que ha por ali está podre. Tudo o que brilha no firmamento político são apenas pílamos e lanterolas de vidrilho; são fogos fatuos que se exalam do grande pantanal, que se formam no charco social em que vivemos, mas que se apagam, que desaparecem, que se eclipsam ao primeiro contacto com a realidade do momento histórico em que vivemos.

Sendo, vejamos: Quasi todas as figuras da maior destaque da revolução política de 30, vendo o fracasso clamoroso de "uma" revolução, hoje voltam suas vistas para o regime de força, de tirania e de truculência, que caracteriza o fascismo.

Os srz. Onivaldo Aranha, Góes Monteiro e João Alberto, como é voz corrente, estão atacados de megalomania fascista e andam ameaçando o povo com a implantação de um regime de força e de tirania, prometendo, finalmente, de tirar de do estadio de miseria e de opressão em que elas mesmas, com o nome de outubristas, o reduziram com promessas de "livre-ló", de "salva-ló" da escravidão moral e social a que, por sua vez, já o havia reduzido a república velha sob a égide do perreppismo.

Ao perigo de um "integralismo" mais ou menos salgado, devemos denunciar e lutar contra os manejos desses semideuses decaídos, pois a insinceridade desses proceres manifesta-se no manejo das suas attitudes reactionárias.

Para pensar

Há muitos anos, fantes da guerra de 1914/18, ou durante a mesma, li num dos nossos jornais, no "Jornal" com J, si não me falha a memória, entre diversos "Pensamentos" assinado por um tal de Plínio "tout court", o seguinte:

"Deus ou pôde suicidar-se ou não pôde; si pôde é omnipotente, deixando de ser imortal e si não pôde, é imortal, deixando de ser omnipotente; o que não é possível é ser ambas as coisas, pois que uma qualidade, implica na negação da outra." "Plínio".

Fica bem entendido que o camarada Plínio, só quis demonstrar, que apesar da maior boa vontade possível, era impossível qualquer pessoa reunir as duas citadas qualidades (omnipotente — cujo poder não tem limites e imortal — que não está sujeito à morte), pois que não é preciso ser-se muito inteligente, para saber-se ser impossível qualquer pessoa, possuir uma daquelas qualidades, quanto mais, as duas.

JOAO AJIEMA

Em toda a sua plenitude, o progresso da ciência só terá o seu real e legítimo valor utilitário, quando ao serviço e gosa de todos os presentes, e não somente de meia dúzia de aventureiros.

F. R. L.



Problemas em debate

Sobre o assunto que agora se tem debatendo em relação à atitude que devem ter os anarquistas no movimento operário, transcrevemos de "Nervo", quinta, efetuado em Rosário:

O 2º CONGRESSO ANARQUISTA DE ROSARIO:

1º — Reafirma a interpretação finalista libertária do movimento operário tal como o define o pacto federal da F. O. R. A., especialmente nesses momentos em que concorda contra ela a perseguição do governo concretizada no processo por "associação ilícita", a obra desagregadora da C. C. do Trabalho e as colônias bolcheviques, e exorta a todos os companheiros a cerrar fileiras em torno dela, pondo todas as suas forças na luta de fazer com que as organizações autônomas com finalidades libertárias ingressem nas fileiras da F. O. R. A. para vigorizar o movimento revolucionário.

2º — Considera necessária a criação de grupos interdisciplinares nas organizações de tendências reformistas, com propósitos de oposição, crítica e orientação, no sentido de lhe aplicar nossas metódas de luta.

Reconhecendo que a função das organizações operárias ainda não deve limitar-se à simples resistência, mas que, ao contrário, tem uma importância missão revolucionária e transformadora, reconhecendo que a massa produtora, camponeses e técnicos, ha de ser a base da revolução libertária, cuja mão estaria o controle de toda a atividade de produção e distribuição desde o primeiro momento da revolução, o 2º Congresso propõe o seguinte:

a) Que as organizações operárias se capacitem para fazer funcionar o mecanismo econômico arrancado ao poder da burguesia, substituindo o paternalismo burocrático, capitalista estatal por uma adequadamente distribuição do trabalho produtivo.

b) Que com esse fim, a organização operária terá que modificar a sua estrutura, adaptando-a às necessidades do momento revolucionário e integrando-se com instituições que surjam em consequência do mesmo.

c) Agregar aos métodos de luta proletária (greve, batalha, sabotagem, etc.), o da tomada e posse das terras, fábricas e oficinas, meios de transporte, vivendas, etc., como recursos eficazes de capacitação e gestão das nossas entidades de produção.

III

Tendo presente a urgência em levantar em todos os explorados o espírito de combatividade para orientar decididamente a ação brutal do fascismo e da perseguição legal e a intensa crise econômica, como a luta revolucionária para acelerar o fim do regime burguês, o 2º Congresso Anarquista recomenda:

1º — Uma multiplicação, ao lado da expansão de soluções concretas, das lutas do proletariado e seu armamento para a ação insurreccional, defensiva e ofensiva.

2º — Um trabalho constante e metódico dentro dos lugares de trabalho, oficina, fábrica, etc., para organizar lutas imediatas e para propagar como energia e inteligência a necessidade da revolução social para resolver o fundamental da burocacia e da injustiça capitalista.

(Aprovado por unanimidade).

O sindicato e a Sociedade futura

Sobre o nosso conceito da organização futura do sindicato e das funções que ele pode e deve desempenhar após a Revolução, recebemos o seguinte artigo:

Que o sindicato deve ser a base constitutiva da sociedade futura, estando a ele reservado o papel de organismo de controle e distribuição de produção e de consumo? Eu penso que não. Considerando a "organização de resistência dos trabalhadores como um fenômeno, inerente da sociedade capitalista", deve desaparecer junto com esta.

Uma vez desaparecido o capitalismo não se justifica o organismo de resistência, por quanto não achará a quem resistir, só si se quiser emprega-la contra aqueles que ajudaram a queda do capitalismo: os anarquistas.

Marcar, desde já, a máquina que deverá movimentar a sociedade futura, é um erro, porque, nem os sindicalistas, nem os anarquistas, nem outra qualquer ideologia, por mais revolucionária que seja, — se for da anarquia ha revolucionarismo — poderão marcar as bases para que deverá inserir-se a sociedade futura.

Eu penso que todo aquele que quiser ser útil à humanidade, deve empregar todas suas forças, suas energias, no desmoronamento do capital privado e do Estado; enquanto a construção da sociedade futura, não é da incumbência deste ou daquela organização, desta ou daquela organização. Esse papel está reservado aos povos do futuro, que se organizarão como melhor entenderem. Eu estou de acordo com Malatesta quando disse: "Os sindicalistas tomam o meio pelo fim e a parte pelo todo, e isso faz com que para muitos o sindicalismo se converta em uma teoria que ameaça substituir ao anarquismo. O sindicalismo, fim de si mesmo embora se chame revolucionário, não pode deixar de ir ao final de um sistema legalitário e conservador, não tendo outro objetivo que o melancólico das condições do trabalho dentro dos fôndos impostos pela burguesia autoritária. Também as grandes liberdades da América do Norte começaram sendo revolucionárias, no método, tentando a bandeira maior, mas aquilo fez enquanto contava com poucas forças; apenas as suas liberdades uma condição privilegiada de comparada com a de outras trabalhadoras, tornaram-se conservadoras, sempre fechadas em antagonismo e em ódios proletários com maior intensidade que contra os patrões."

tas, preconizamos vai mais além dos interesses desta ou aquela classe: quer chegar à liberação completa e integral da humanidade: emancipação da escravidão política, econômica e moral. Por isso, nosso método não pode ser unilateral. Eis porque o sindicalismo, que é um método bom, pelas forças obrárias que têm à nossa disposição, não pode ser o meio único, nem muito menos, pode substituir ao nosso fim verdadeiro e completo, que é a anarquia.

São Paulo, 6-1-34.

A. Padilha.

Reunião do comitê

Em reunião realizada no dia 7 do corrente, com a presença da maioria dos delegados dos grupos desta Capital, foram estudadas várias propostas apresentadas pelos delegados dos grupos, no sentido de intensificar a propaganda tanto nesta Capital, como no resto do país; está em franco desenvolvimento a organização, sendo que os camaradas da velha guarda, que por vários fatores se retiraram da propaganda, compreendendo o momento excepcional que estamos vivendo, estão novamente em franca atividade, e resolvidos a encetar um trabalho de organização e proselitismo industrial, cujos resultados possamos colher com brevidade.

São provas eloquentes de que ainda deixamos dito as várias cartas de incitamento e adesão, animando-nos a desenvolver uma atitude combatente, e sem desfalecimentos.

Temos mais a constatar, que neste Capital se organizaram mais dois grupos, os quais deram a sua adesão ao Comitê, e mandaram os seus delegados.

A próxima reunião do Comitê será no dia 14 do corrente no local a+2.

Pode-se o comparecimento de todos os delegados.

Nota: — O endereço deste Comitê é a rua Jerônimo de Albuquerque, 21, e não 41 como saiu no número anterior de "A Plebe".

O Comitê de Relações



Um apelo aos camaradas

A camarada Isabel Cerruti escreve-nos uma carta, que publicamos hoje, lembrando uma ótima medida de higiene e educação.

Trata-se do hábito de fumar no Salão das conferências, hábito que só se justifica pelo velhíssimo argumento da burguesia, dizendo que a liberdade no povo leva à degenerescência, ao abuso da liberdade. Muitos camaradas, que num teatro ou num salão da burguesia passam perfeitamente sem fumar, não são capazes de fazê-lo nas nossas conferências.

Eis a carta:

"Camaradas de 'A Plebe'.

Saudações revolucionárias.

Agora que se anuncia a próxima inauguração das reformas do salão da Federação Operária desejo, pelas colunas da nossa porta-voz, fazer um apelo aos camaradas, afim de se encarem esforços no sentido de se abolir o hábito de fumar no salão.

Eu gosto muito de estar presente às reuniões dos camaradas; mas não posso suportar a fumacete dos cigarros. Dá-me torturas e passa mal por diversos dias, quando afrente o perigo do fumo, pela satisfação de comparecer às reuniões úteis e necessárias à preparação do advento do supremo ideal anarquista.

O fumo em combustão intoxica não só os nossos pulmões como todas as vísceras do nosso organismo, produzindo torturas, insônia e desarranjo intestinal, como se dás comigo.

E como eu outras pessoas havará que sentem horror à fumaça do cigarro, dentro de um recinto fechado e repleto de pessoas.

Numa de nossas últimas reuniões levei comigo algumas amigas, alíás que não são anarquistas, mas que gostaram imensamente da reunião daquela noite; saíram, porém no firme propósito de não mais lá voltar, por causa — disseram-me francamente — do "malício vício do fumo" — que não sabiam combater. E fizeram considerações sobre o mesmo estranhando que elementos que combatem a burguesia alimentassem o mais repugnante vício — que é da burguesia e que deve pertencer exclusivamente à burguesia — o vício de fumar.

Fiquei contrariaça pela observação e por isso, no deseo de que as nossas reuniões façam muita obra de propaganda anarquista deliberei traçar estas linhas, fazendo este apelo.

Eu mesma raras vezes compareço aos festivais e reuniões dos companheiros, por esse motivo.

Morte ao fumo, companheiros!

Morte ao fumo, o que é da velha casta burguesa e que nos aniquila e envenena!

Silêncio, alegria e fumo, para traz!

Avante, para a Saúde, boa alimentação e felicidade no Trabalho!

Distração no cultivo dos nossos intelectos!

Aperfeiçoemo-nos e mostremos, desde já, sermos superiores a todos os burgueses!

Formemos assim, desde já, o novo mundo onde possamos viver sadios, felizes e estéticos!

Vamos para a nossa própria perfeição, para a perfeição dos costumes, para a perfeição da sociedade!

E um apelo que deve ser ouvido.

ISABEL CERRUTI

GREVE NA FABRICA DE JUTA PENTEADO

Os operários da fabrica de Juta Penteado declararam-se em greve, na segunda-feira última, logo pela manhã, reclamando algumas regalias a que se julgavam com direito.

O interessante desse movimento, segundo nos informaram, foi que os operários deixaram de trabalhar, mas não saíram para a rua. Ficaram dentro da fabrica de braços encruzados. Os mestres e contra-mestres andavam de um lado para outro a incipir com uns e admoestar a outros e de todos recebiam uma unica resposta:

— Quando os outros trabalharem, eu também trabalharei, e nós só trabalharemos quando fôrmos atendidos em nossa reivindicações.

Ante a atitude coesa e firme dos trabalhadores, a diretoria apelou para a polícia com o fim de que esta desalojasse os tecelões rebelados. Mas estes não saíram.

Os mestres tentaram pôr em movimento os teceiros, mas os operários desinteressaram-se dos mesmos, e em vez de produzir, estragavam-se as máquinas e inutilizavam-se a matéria prima que deveriam confeccionar.

No terça-feira, ao voltarem os tecelões do almoço para a fabrica e continuarem a não produzir em quanto não fossem atendidos, encontraram as portas fechadas e toda redonda da fabrica cercada por agentes de polícia que procuravam despejá-los.

Nesse momento um dos agentes maltratou a um pequeno operário, o que provocou o protesto unânime dos grevistas.

No quarta-feira, à noite, fomos informados que a greve havia sido vitória em grande parte das reivindicações pleiteadas, inclusive o pagamento dos dias que esta dura.

UNIÃO DOS ARTEFICES EM CALÇADOS E CLASSES ANEXAS DE S. PAULO

Para segunda-feira, dia 15 do corrente, às 20 horas, está convocada uma assembleia geral da classe. Para essa assembleia reina grande entusiasmo, pois os assuntos a tratar são de relevante interesse para a classe, durante a qual será discutida a seguinte ordem do dia:

1º — Encerramento do plano de reivindicações que está sendo elaborado por comissão especial para esse fim iniciado em assembleia anterior.

2º — Notificação da nova Comissão Executiva.

3º — Nomeação dos delegados junto à Federação Operária.

4º — Organização dos trabalhado-

Comitê de relações dos grupos anarquistas de S. Paulo

Comunicado:

Sob o título — "Em torno do Sindicalismo", publicou o n.º 52 de "A Plebe", na seção "Vida Anarquista", um artigo assinado pela redação e pelo grupo "Terra Livre", discordando da orientação seguida por este Comitê, cujo artigo tem despertado grande estranheza nos meios anarquistas de São Paulo, pelo seu modo especial de encarar o assunto. Não nos anima a ideia de fazer comentário em torno do referido artigo, porque cada qual é livre de seguir a orientação que bem entender; o que apenas queremos fazer é o seguinte:

1º — Que o anarquismo basta-se a si próprio, tendo a sua filosofia e a sua moral, prescindindo de toda concepção estranha.

2º — Os anarquistas não tem a opção de pre-estabelecer um programa que sirva de norma à sociedade, antes e depois da revolução; entendem que devem auxiliar o povo a emancipar-se do jugo capitalista e estatal, segundo o próprio povo, o método de organização, que estiver de acordo com o seu grau de evolução mental.

3º — Os anarquistas não pretendem arregimentar massas, mas sim desenvolver a propaganda filosófica do anarquismo, formando individualidades conscientes, que num futuro próximo possam impor-se pela sua elevação moral ao respeito da coletividade, da qual fazem parte integrante.

4º — Os anarquistas creem que, a Revolução Social, não tem dias nem horas marcadas; a mesma se fará quando o povo estiver em condições de fazê-la.

Para não nos alongarmos muito, damos por terminado, não fazendo recomendações de espécie alguma. Esperamos que todos os estudiosos da questão social se manifestem, e acompanhem os artigos que se venham a escrever sobre o assunto.

O Comitê de Relações.

Coisas nossas

"A Plebe" deve viver, e para isso só conta com a solidariedade dos seus amigos e leitores.

"A Plebe" não circulou no sábado último, dia 6.

Não circulou porque a situação financeira do jornal não o permitiu. Não sairá também no próximo sábado pelo mesmo motivo, conforme o demonstramos em nossa editorial do último número e na relação permanecida do "nosso balanço", e das Munições para "A Plebe".

O NOSSO APELO

Teve forte repercussão entre os nossos leitores, camaradas e amigos. Muitas foram as pessoas que pediram listas e que se ofereceram para proceder à cobrança em várias localidades do interior. Mas, confessamos, ainda é pouco.

Todos os que sintam a necessidade de publicação semanal de "A Plebe", todos que já veem recebendo o jornal na tempos, todos os que pagaram o primeirão, os que só pagaram o 1º semestre, assim como os que nestes últimos meses pediram que lhes enviem o jornal, todos, enfim, os que recebem "A Plebe", devem remeter-nos a sua contribuição, por pequena que seja, sem perda de tempo. Nenhum leitor de "A Plebe" deve esperar por ocasiões que tardam a aparecer, para prestar o seu concurso à manutenção da nossa folha: CADA UM DEVER MANDAR, JA', A SUA CONTRIBUIÇÃO OU A IMPORTÂNCIA DO SEU DEBITO.

— NO RIO. Os nossos amigos que se interessam por "A Plebe", têm encontrado muita dificuldade em procurar os nossos assinantes, dada a distância enorme que separa um de outros. Portanto, cada leitor deve mandar diretamente o importe de sua assinatura.

— EM BÉLO HORIZONTE. Desse cidade temos tido as mais fulgurantes promessas, mas só promessas. Cada leitor de "A Plebe" em Belo Horizonte, deve decidir-se em mandar diretamente a sua contribuição.

— FLORENTINO DE CARVALHO — Da escravidão, à Liberdade — A derrocada burguesa e o advento da igualdade social.

1 volume — 4000.

HOJE - DIA 13 - HOJE

INAUGURAÇÃO DA REFORMA DO SALÃO DA FEDERAÇÃO OPERÁRIA

Hoje à noite haverá um festival literário com que se procederá à inauguração das reformas que acabam de ser feitas no SALÃO DA FEDERAÇÃO OPERÁRIA, à rua Quintino Bocaiúva, 80.

O programa consta de conferência, recitativos, canto, anedotas e música.

A entrada, hoje, será por convites, e estes podem ser retirados durante o dia no próprio salão e em nossa redação, à ladeira do Carmo, 7.

Os camaradas e sócios dos sindicatos devem fazer todo o possível de participar desta festividade, porque nestes atos proletários se cultiva o sentimento de solidariedade.

Em Vila Neves

Dessa longínqua localidade da linha Araraquarena recebemos uma carta na qual nos comunicam que prosseguem com entusiasmo os trabalhos da fundação de um Sindicato dos Trabalhadores de Vila Neves.

Da carta em questão destacam-se o trecho ao seguir que bem caracteriza o idealismo de que estão possuídos os nossos amigos do interior:

"Quem vos escreve esta carta é um companheiro que, embora não conhecendo os camaradas da capital, com eles está armando pelos laços fraternais do ideal redentor da igualdade social. Neves poderá ser, e em uma boa propaganda, um centro importante de ação para a nossa causa, que é a causa dos encimados, e dos explorados pelo regime em que vivemos".

Festival em Campinas

Será levado a efeito no dia 20 do corrente, na sede da Liga Anticlerical de Campinas, um festival em benefício da biblioteca dessa instituição, cuja obra de combate ao clero tem tido grande repercussão.

Esse festival está sendo organizado por um grupo de anticlericais de São Paulo, e o seu programa, a cargo do companheiro J. Gavronski, consta de uma conferência pela prof. d. Luisa Pessanha de Camargo Branco, alguns "skets" humorísticos e recitativos.

A nossa permute

"Aktion" — De Porto Alegre, temos recebido regularmente este quinzenário anti-fascista em língua alema.

E seu diretor o nosso velho amigo Knistent.

O seu endereço é: Aktion, Caixa Postal, 501 — Porto Alegre — R. Grande do Sul.

Socialismo — Revista mensal de economia, legislação, cooperativismo, organização sindical, livre pensamento, antifascismo etc.

Reapareceu nesta Capital, sob a direção de Francisco Frota.

Gratos pela visita. Permitaremos.

Munições para "A Plebe"

Contribuintes — São Paulo: Pedrinho, 38; Cartão n.º 4 — Frontera, 108; Frias, 108; Matias, 108; Borges, 38; Bolderiano, 38; Ramires, 38; Galan, 38; Castanho, 38; Cartão n.º 1 — Armando, 108 e Germinal, 108; Cartão n.º 4 — Eugênio, 108; Grati, 28; e Calera, 38; Cartão n.º II, Ermano, 28 e Giordano, 28; Cartão n.º 21 — Dionísio, 28; Pinheiro, 18; Moreira, 18; Almeida, 18 e Souza, 28; Total geral, 93000.

Varas localidades — Cravinhos — Maricá, 158; Jahu; Mariana, 38; Fernandes, 2800; Ourinhos, Gallego, 18; Sorocaba — venda avulsa, 178 e Donadon, 108; Santos — V. Gonçalves, 38; I. Uchôa, A. Rossini, 38; Mundo Novo, F. Lopes, 108; Recife — Minhal, 108; Santa Ernestina — União Camponeza, 78; Total, 87500.

Ribeirão Claro — Subscrição: Bernardo, 38; Benito, 38; Primitivo, 38; Fernando, 28; Bujaldon, 28; Onofre, 38.

Assinaturas: Vestiário, 38; Francisco, 38; Campos, 108; Miguel F., 128; Ribeirão, 38; Mariano, 38; M. Silveira, de Viradouro, 108; Aguado, de I. Uchôa, 38; para uma coleção, 108. Total, 83000.

Contribuições, venda avulsa e parceiros na redação — A. Jardim, 38; José Torres, 38; Jesus, 18; Araripe, 3800; André, 38; C. Cervil, 38; Favareto, 28; Pius, 38; Júlio, 3800; Dário, 38; Arara, 38; Nigre, 28. Total, 86700.

Florentino de Carvalho — Subscrição: Bernardo, 38; Benito, 38; Primitivo, 38; Fernando, 28; Bujaldon, 28; Onofre, 38.

Assinaturas: Vestiário, 38; Francisco, 38; Campos, 108; Miguel F., 128; Ribeirão, 38; Mariano, 38; M. Silveira, de Viradouro, 108; Aguado, de I. Uchôa, 38; para uma coleção, 108. Total, 83000.

Contribuições, venda avulsa e parceiros na redação — A. Jardim, 38; José Torres, 38; Jesus, 18; Araripe, 3800; André, 38; C. Cervil, 38; Favareto, 28; Pius, 38; Júlio, 3800; Dário, 38; Arara, 38; Nigre, 28. Total, 86700.

Do Pique-nique — Cartões recebidos pelo Pérez, 38; do Gil, 12800; do Fermino, 18; Contribuições: Ger-

Total 980000

DÉSPESAS

Deficit do balanço anterior 1614900

Confecção e compilação do número de hoje 410000

Selos para expedição, registrados e correspondência 286000

Desconto de registrados 78000

Goma e barbante 28700

Tinta de carimbo e penas 300000

Aluguel da caixa postal 300000

Total 2100000

CONTRIBUÍDO

Despesas 2100000

Entradas 0000000

Deflag 1200000

S. PAULO

13 de Janeiro
de 1934

Na vida política do país houve briga de família; mas como a política é uma rameira, tudo se acomodou a bem das suas bolas, que estão superiores aos "superiores interesses da nação..."

Orgãos da guerra

Densos nevoeiros obscurecem o céu da civilização contemporânea. A atmosfera guerreira, carregadíssima de reações químicas, ameaça desbordar torrencialmente sobre os últimos vestígios de humanidade. O pânico apodera-se dos homens livres, que veem nesse fenômeno sinal evidente de um cataclismo sem precedentes na história da "civilização". A julgar pelos preparativos bélicos e pela perfeição a que atingiram as máquinas de exterminio da espécie humana, os prognósticos não são exagerados.

Todos os países estão com seus arsenais abarrotados de apetrechos bélicos, sem faltar o sintéticoreativo químico que decidirá em poucas horas as mais renhidas batalhas.

Paris, Londres, Berlim, Nova-Iorque e outras grandes cidades, segundo o vaticínio dos técnicos na arte de matar gente, não aguentarão o baque e ruirão no limitado espaço de 48 horas.

Contorcendo-se em lenta agonia sob os escombros polvorentos das cidades destruídas, os seres humanos sucumbirão impiedosamente, como naufragos dum veleiro no alto mar.

Esta catástrofe que se vislumbra poderia ser evitada se os homens tivessem uma noção exata das causas que determinam a formação desses organismos psico-patológicos, que veem na guerra um fator de equilíbrio nas relações humanas. Realmente, as causas da guerra são mais profundas do que essas manifestações esporádicas de nacionalismo extremado.

O nacionalismo não é mais do que um efeito, assim como a guerra não é uma causa.

Tanto é assim que as guerras produzem fenômenos que os nacionalistas não dirigem, e muito menos as mentalidades guerreiras. Neste caso não pode haver responsabilidade direta nos promotores da chacina: o que equivale a dizer: que as guerras não são mais do que o fruto de uma conceção errônea da vida de relação que repercute na estrutura orgânica da sociedade, principalmente na desigual distribuição da riqueza social.

Todos os seres que povoadam o mundo são produtos de reações químicas que se gestam ininterruptamente no grandioso crisol da Natureza. Portanto, o patrimônio da Natureza é comum a todos os seres, e por conseguinte, todos os seres são irmãos fraternos entre si. E' casualmente, todo o contrário o que acontece na sociedade: o patrimônio da Natureza está acaimbarado por meia dúzia de "famílias", privilegiadas pela "lei", e os seres são irmãos entre si, quando essa mesma "lei" crê conveniente irmaná-los. Do contrário não ha irmandade. Neste caso a "lei" se arrogá o direito de dispor do indivíduo para o que bem entender.

Claro está que a "lei" foi inventada por quem tinha usurpado os direitos de vida da coletividade e se apropriado miseravelmente de um patrimônio que era comum a todos os seres viventes: a Natureza. Eis aí o z, da questão. Daí é que partem todas as desinteligências e que dá margem a que a mentalidade humana, rica em floradas imaginativas, elabore os mais desconcertantes conceitos da vida de relação e do Universo.

Os conceitos da vida que os nossos ancestrais elaboraram porque convinha a seu modus-vivendi, prevalecendo em nossos dias como imperativos categoricos. Os dogmas religiosos, com suas normas morais intransponíveis e a demagogica declaração de princípios políticos e jurídicos dos nossos antepassados, servem de base aos governos contemporâneos para cultivar e formar a mentalidade atual da humanidade. Isto é, a rotineira mentalidade do passado, com todas as suas absurdas e torpes interpretações da vida, é a que regula a marcha da sociedade moderna.

Eu conclusão: o passado governa o presente; isto é, os mortos mandam. O que equivale a dizer, que não ha personalidade individual capaz de orientar-se por conta própria.

Limitar juridicamente uma determinada porção de terra ou mar é um absurdo, uma posse arbitrária, que embora seja legal, nem por isso é legítima e natural. Essas posses são obstáculos ao desenvolvimento expansivo da espécie humana. Não merecem respeito algum, porquanto, as fronteiras legais não passam de simples artifícios que servem para delimitar em muitas nacionalidades e várias nações que é comum aos seres humanos e inconscientes a Natureza. Esta dominância da terra, o domínio exclusivo da propriedade privada e

particular, ao mesmo tempo que abre caminho para que a mentalidade humana, cingida pelos limites jurídicos impostos pela "lei", forje os conceitos de patria, a ideia de nacionalidade, e ainda mais, o que ha de mais absurdo e retrogrado: a superioridade de raça: Imbuido no preconceito racial, de títulos povos, não ousam atirar-se, eliminar-se mutuamente e muitas vezes sujeitar-se aos mais baixos desejos dos governantes. Casos típicos e recentes temos-los na América do Norte (invelamento de homens de cor preta) e Alemanha, banindo os judeus e estabelecendo a instituição da esterilização legal, para melhorar a raça.

Não sei qual será o conceito que a sociedade tem da vida quando se sujeita às mais barbares prescrições de um sistema de convivência que não satisfaz às mínimas necessidades humanas, que trata de disseminar entre os seres a confusão e a discordia, chegando às vezes ao pugno do paroxismo, como verdadeiros cavalos de tropa. Esta situação, aliás ridícula, é a que nos apresenta uma sociedade que se vangloria como alta expressão de humanismo e de equidade social. Os fatos são mais eloquentes que as palavras. A miséria invadiu todos os âmbitos do mundo. Já não ha recanto em que os efeitos perniciosos do regime imperante não façam sentir sua virulência. Não só esta alteração se manifesta nas esferas da economia capitalista, senão que também tem suas expressivas virulências na mentalidade candida da humanidade. Todo o mundo está inquieto, insuportável. Parece que um novo ciclo de vida se lhe desplanta ás coletividades. As ideias fluem e refluem como querendo marcar rumo ao carro da história. E' coisa interessante para a vida livre de um povo: nenhum desses patibularios "redentores" de ultima hora, tratam de sacudir o pó das enegrecidas instituições históricas. Todos querem conservá-las como se estas fossem estrelas luminosas no céu da humanidade. Daí os conceitos nacionalistas que forjam sua contextura ideológica, no estreito e limitado rendeiro de beco sem saída. As consequências desta malsinada e estonteante manifestação de nacionalismo adventício, serão, caso os povos, suportem e assimilem esses ideais, de extremo calaçade para o gênero humano. Nunca na história se registraram fatos tão impressionantes como os que atualmente se desenrolam.

Com a desculpa de proteger aos "nacionais", limita-se a atividade dos "estrangeiros", como si ambos fossem gestados em planetas diferentes, e de combinações bio-químicas celulares diametralmente opostas. Se desconhece que ambos tenham necessidades orgânicas e afetivas identicas: que são humanas, e que pela simples razão de ter visto à luz neste planeta tem os sagrados direitos de supervivência. Estes raciocínios, alias simples e compreensíveis, não ocupam lugar no cérebro dos empoderados mentores nacionalistas. Eles simplesmente agitam ideias elevadas ao calor das instituições que representam.

Sucumba quem sucumbe, é o lema dos que pretendem governar o ignorável; a questão é salvar as instituições históricas do naufrágio. Pode ser outro o espírito filosófico dos precursores nacionais - fascistas de todo o mundo, mas, é inegável e indestruível, que no fundo dessa questão, se agita e se contorce todas as molas da engrenagem de um sistema social absurdo, torpe e inhumano.

Assim, pois, o regime de convivência que a humanidade suporta impenetravelmente não oferece as condições indispensáveis à supervivência da espécie, e sim gera fenômenos psicopatológicos de extrema gravidade que põe em risco permanente a tranquilidade e o sossego da família humana.

Portanto, uma operação cirúrgica que extirpe o mal pela raiz é o que se torna necessário e imprescindível no atual organismo social. Os princípios jurídicos da propriedade privada e da autoridade organizada - fatores dissolventes das sociedades humanas - precisam ser radicalmente destruídos, porque assim o requer um novo estado de coisas que tenha por base a felicidade de todos os seres humanos. De outra sorte, é impossível restaurar, no seio da sociedade, o princípio fundamental da Revolução: a liberdade integral.

A não ser assim, todas as tentativas que se façam nesse sentido, serão intrutíferas e o regime da chibata permanecerá por muito tempo sobre a face da terra, e a humanidade sofre-

rá as consequências horripilantes da guerra, a miséria econômica e moral, o despotismo sanguinário do patronato e a tirania escravizante do Estado, fetiche político que se alimenta de carne humana.

Aos homens livres lhes compete abrir caminho por entre esse emaranhado sistema de coações e violências organizadas e inaugurar, integrizada na evolução normal da Natureza, o regime de paz e de justiça.

O patrimônio da Natureza para todos: os meios de produção e consumo, para todos; as artes e as ciências para todos: eis o lema dos vanguardeiros da revolução social libertária.

M. GARCIA.

Crise e fascismo

Oitenta e seis por cento dos produtos de todas as regiões estão em crise.

O homem está assombrado diante das consequências da sua própria criação, o acúmulo do produto sem consumo que obriga a dispensar os operários até que se reduzam os estoques existentes.

As duas causas concorrem para que neste momento exista no mundo um exercício de desocupados.

Calculam as estatísticas em cerca de setenta milhões o numero dos sem trabalho. Uma grande parte da humanidade passa fome.

De um lado, acúmulo de mercadorias que não podem ser vendidas; do outro os trabalhadores que necessitam desse produto e não podem adquiri-lo.

E para essa situação se procura remedio com o exterminio dos generos de primeira necessidade, como o trigo, carneiros, porcos, algodão, café; enquanto ha milhões de homens que não tem que comer.

Bem sei que tudo isto que estou a dizer é sabido.

Mas é preciso tudo isto para mostrar a idiotice inqualificável destas situações, as situações em que o mundo se debate, sem encontrar saída.

Será que a humanidade está fican-do maluca?

O povo tem que resolver os grandes problemas económicos e sociais que afiglam a humanidade — as minorias parasitárias, os grupelhos de exploradores recorrem à violencia restritiva da força opressora, ao arbitrio como norma governamental.

Vieram as ditaduras fascistas, e é, exatamente o contrario. Exercem-se violencias contra os interesses da maioria, em beneficio de um grupo ou de uma classe parasitária.

Todas as aparentes reformas anunciadas com espetaculosidade, visam manter as organizações carcomidas, escorrer os regimes em desmoronamento, galvanizar o que já está apodrido, o que não pode subsistir por ser um absurdo.

A revolução social é uma força natural, viva e palpável.

O fascismo é uma combinação artificial, um processo de mumificação impraticável, idiotismos dum a sociedade ignorante.

O fascismo é a derradeira etapa da crise final.

Para renovar o mundo melhorando a vida, dando aos trabalhadores consciencia perfeita dos seus desafios, é preciso resolver os problemas económico-sociais que afiglam a humanidade.

Os parasitas, os exploradores recorrem à violencia restritiva, aos métodos de forças opressoras, à intolerância e ao arbitrio.

O capitalismo, pode-se dizer, entrou na fase da sua derrocada.

Homens livres, revolucionários em geral. E' preciso iniciar a suprema arrancada para alcançar a Justiça social que será o Comunismo Anarquico.

Cravinhos. P. MARSICANO.

CALUNIADORES!

A propósito do movimento revolucionario anarquista de Espanha

Num jornal que se publica por ai e que faz profissão de fé de um programa de "frentes únicas" palavra de ordem lançada em moda pelos tiranos de Moscou e que se tornou ridicula pelo uso que dela têm feito os bolchevistas de todo mundo, encontramos as seguintes baboseiras que constituem o princípio fundamental das calúnias que um partido que se diz da vanguarda atira pesadamente sobre os átos verdadeiramente rebeldes do movimento que visa transformar radicalmente a sociedade:

"Quanto ao que o artigo diz a respeito, do "militarismo" soviético, do "imperialismo vermelho", e da dissolução do exercito vermelho, afim de que o capitalismo mais facilmente possa derubar o governo dos operarios e camponeses, é preciso que ele saiba que o marxismo caracteriza-se pelo seu aspéto científico, acima de todo confusionalismo anarcocida, e jamais cometaria o crime e a traição que cometem os dirigentes anarquistas espanhóis, atirando as massas desarmadas e sem preparação (aqui, sim, sem preparação), na luta contra os exercitos e policias da burguesia, e que jamais ele descuidará da defesa do que conquistou com seu próprio sangue".

Isto é escrito à margem de um artigo publicado em "A Plebe" e assinado pelo nosso camarada Pedro Calato, no qual este camarada põe a calva à mostra dos eternos insultadores do povo, dos que creiem que o povo só vive bem quando vé a ponta do chicote.

E' assim que se referem ao maior movimento reivindicador de todos os tempos, a esse movimento em que o povo espanhol franca e abertamente lutando contra todas as tiranias políticas pôs em chéque as instituições arcáicas da burguesia; é assim que falam os fanfarrões das "frentes únicas" a mando dos seus patrões de Moscou, quando pretendem limpar a boca na ação grandiosa, heroiamente revolucionária dos anarquistas da F. A. I. e do povo espanhol agregado à C. N. F.

Eles que têm do povo o conceito mais deprimente, que julgam, que afirmam a cada instante que o povo deve ser o "elemento de base" para as suas experiências políticas; que atiram desavergonhadamente o povo à rua, convidando-o às ridículas "passatas da fome" onde eles não aparecem para orientar nem sequér para assumir a responsabilidade das suas convocações; que o insultam dizendo que "é preciso provocar esses movimentos de "massas" para acirrar o ódio de classes; que deviam sentir-se, se tivessem vergonha e caráter, extremamente envergonhados ante a ação desassombada, franca, responsável dos anarquistas, que morrem nas barricadas com o povo, que estão sempre onde está o povo, e que, como no movimento espanhol, encerram as prisões de encarcerados.

Mais de 10.000 anarquistas, (sim, mais de 10.000, porque esse numero havia antes da revolução) estavam presos nos carcereis reacionários de Espanha.

O mundo inteiro voltou os olhos, surpreso, para o movimento anarquista espanhol; as agencias telegráficas, os jornais diários de todos os países se ocuparam desse movimento, não escondendo a gravidade da situação em que ficou colocado o Estado espanhol, isso sendo já o terceiro movimento no prazo de um ano.

Foi materialmente vencido? E não o foram, pouquíssimo. P. R. L.

movimentos orientados pelos bolchevistas? (referimo-nos aos movimentos que, de fato, tiveram caráter revolucionário, e cujo valor como rebeldia nós reconhecemos, como o de Bela-Kom, os espartacistas da Alemanha, etc.). Com uma diferença: Uma vez vencidos materialmente, esses movimentos morrem; e os movimentos anarquistas não são vencidos nunca porque os anarquistas são insurrecionais, e as insurreições não se vencem.

Ainda outra diferença: os anarquistas têm o senso das responsabilidades; vão com o povo para a rua, integrados no povo, porque fazem parte do povo, pegam em armas e disputam os lugares de maior perigo e os átos mais perigosos; os bolchevistas, não: caracterizam-se pela covardia das atitudes, fogem às responsabilidades atirando o povo à rua, fazem convocações de comícios para a praça pública onde não aparecem e que já ninguém toma a sério.

E é essa gente que vive atirando baba e peçonha ao maior movimento insurreccional de todos os tempos!

E essa gente é que pretende dirigir o proletariado, essa gente que faz da calúnia a sua profissão...

Campanha contra o fascismo

NO MARANHÃO

O SR. GUSTAVO BARROSO, VULGO JOÃO DO NORTE, A'S TONTAS NA LUZ DAS CONSCIENCIAS LIVRES

Embasaçado com apartes perturbadores o sr. João do Norte, quando realizava uma de suas "conferências"

Do jornal "A Pátria", do Rio, transcrevemos este telegrama:

"S. LUIZ, 7 (União) — Maranhão — A conferencia sobre o integralismo, realizada no Teatro Artur de Azevedo, foi varias vezes perturbada pelos constantes apartes, que embarravam o conferencista.

"O Imparcial" publica uma declaração, assinada por um grupo de rapazes e homens livres do Maranhão, combatendo essa mistificação do fascismo, mascarado em integralismo."

NO CEARÁ

(Por via aérea)

O movimento aqui é animador para nós, e, ao mesmo tempo, ameaçador. A cada momento pode surgir um conflito sangrento. Os integralistas e os homens de idéias avançadas preparam-se para uma luta decisiva.

O integralismo, auxiliado por tenentes do exercito e pelo clero, põe as manguinhas de fogo. Estamos num regime de verdadeiro terror. Nós, porém, em breve, vamos aniquilá-lo. E' uma luta de morte que se prepara no Ceará. Talvez seja uma helicóptero que abalará todo o Brasil.

Nessa campanha antifascista estão empenhados todos os que pensam firmemente.

G. Correspondente.

O trabalho não é executado dentro dos limites de que possa sua produção satisfazer unicamente as necessidades de cada ser humano; e, sim, para satisfazer a ambição desmedida, voraz e criminosa de um reduzido numero de gananciosos e que se denominam classe capitalista.

P. R. L.